



HISTORIAS
PARA
BURGUESES

ALONSO IBARROIA

**HISTÓRIAS
PARA BURGUESES**

ALONSO IBARROLA

HISTÓRIAS PARA BURGUESES

Editorial Estampa

Título do original: HISTORIAS PARA BURGUESES

Capa de SOARES ROCHA

Versão portuguesa de LUIZ PACHECO

Copyright

Editorial Fundamentos, 1971
Editorial Estampa, Lda., 1976
para a língua portuguesa

ÍNDICE

RETRATO DO AUTOR	9
BUCHENWALD	11
NAUFRÁGIO	13
O PECADOR	15
NO PSQUIATRA	17
O SUICIDA	19
NA FÁBRICA	21
O ANTICRISTO	23
DECLARAÇÃO DE AMOR	25
O VENDEDOR	27
O DOADOR	29
MILAGRE	31
ATERRAGEM FORÇADA	33
O FUZILAMENTO	35
UM MARIDO	37
NO DESERTO	39
A PROMESSA	41
UMA CARTA	43
BATEM À PORTA	45
O FILHO PERDIDO	47
PERANTE O ALTAR	49
ROBINSON	51
SALUSTIANO	53
ESTAMPA VENEZIANA	55
NO METRO	57
UMA MORTE	59
A APARIÇÃO	61

UM ESTRANHO IMPULSO	63
UM DESEMBARQUE	65
TORTURAS	67
A CADEIRA ELÉCTRICA	69
NA PRAIA	71
NO CIRCO	73
ÚLTIMO PARÁGRAFO DA CARTA DE UM FASCISTA CONDENADO A MORTE	75
ÊXTASE	77
INQUISIÇÃO	79
A AVENTURA	81
UM ACIDENTE	83
CARTA DA AMÉRICA	85
CRISE	87
CANCRO	89

RETRATO DO AUTOR POR ELE MESMO

«Escucha, la vida se nos va y no hemos tenido ocasión de abrir la boca. De niños era diferente. Te acuerdas cuando cantábamos en el coro y el director, con ojos de odio, agudizaba el oído, intentando localizar al causante del desafinado? Una bofetada indicaba el fin de las investigaciones. Te confesaré que yo entonces abría la boca y no profería nota alguna por miedo. Ahora hago lo mismo.»

Estava sentado, talvez dizendo melhor, encolhido, acocorado ao pé dos companheiros da caserna, quando uma voz imperiosa gritou:

— Tudo para o duche!

— Com este frio? — protestei.

Mas nenhum deles secundou o meu tímido protesto.

«Eu cá não tomo duche — repeti comigo, para ganhar coragem. — Vou recusar-me com todas as minhas forças.»

Já os companheiros se punham em fila.

— Anda para aqui, não armes em parvo — disse um.

Mas ainda tenho dúvidas: «Vamos ao duche todos ao mesmo tempo, todos juntos?» Fui sempre muito envergonhado. Nem na tropa foram capazes de me tirar o pudor, quando éramos obrigados a estar de cócoras, formando um círculo. Lembro que passávamos assim horas seguidas e que algum, de repente, deixava de falar... Eu não aguentava aquilo. Até que vinha o «sorjas».

A minha mulher tinha o cuidado de apagar sempre a luz, na cama. Nunca lhe deixei ver a minha cara na altura de fazermos a coisa.

— És tão tímido, querido — dizia-me, então, a rir.

Pensamentos parecidos me ocorreram quando a vi estendida no caixão. Parecia incrível, mas era ela quem ali estava, morta. O estupor da minha sogra bichanava umas rezas idiotas.

— Pare já com isso! — gritei.

A minha sogra fitou-me com os grandes olhos negros e continuou a rezar.

Deram-me um nico de sabão e uma toalha. São amáveis. «E se guardasse o sabão?» A fila parou. Um oficial grita:

— Dispam-sel

Olhamos uns para os outros... Daí a nada, um resolve-se e começa a desabotoar as calças. Fico quieto, indeciso, sem saber que faça; mas quando vi alguns companheiros todos nus, ganho coragem e faço o mesmo. Fico apenas com a camiseta. Procuro puxá-la para baixo, para que me tape as partes...

A fila passa diante de um oficial e deixa numa mesa o molho de roupas, que logo depois vão parar a um confuso e desordenado montão. Enquanto não chega o meu turno, estou a magicar como será difícil recuperar depois o molho de roupa que pertence a cada qual... Paro mesmo em frente do tal oficial.

— Tu, aí, ó! — resmungo, batendo-me nas nádegas com um pau ou lá que era. — Despe a camiseta!

Morto de vergonha, dispo o resto da roupa. O oficial mira-me, sorridente e divertido com a minha vergonha. Não posso aguentar mais e vou a correr para o balneário.

— Meu Deus, meu Deus, acaba depressa com esta situação — murmuro.

Vejo... vejo... um... O marinheiro de quarto de vigia quer dizer qualquer coisa mas a emoção engasga-lhe as palavras. Tinha toda a razão: nunca em dias de sua vida vira um **iceberg** daquele tamanho. O choque foi brutal e o transatlântico estremeceu de proa à popa. No deslumbrante salão de baile, os pares dançantes trocaram desculpas mas continuavam a dançar. Informado do acontecido, o comandante desata a chorar num berreiro. Porque hei-de ser eu o último a safar-me, porquê? repete, obcecado. «Primeiro os homens», exclama um marinheiro egoísta. Velhos e mulheres com os filhos ao colo protestam, indignadamente. O chefe da orquestra anda à procura de voluntários para entoarem um cântico religioso, adequado às circunstâncias. «À minha direita os tenores», ordena, nervoso. Na piscina, um passageiro da classe de luxo tenta aprender a nadar rapidamente, com a ajuda do professor de natação, que se lamenta dos exíguos salários que recebe. Minutos depois, o vulto do enorme pacote é tragado pelas águas, provocando um torvelinho colossal. No meio da escuridão, alguns barcos salvavidas dispersam-se pelas ondas agitadas. Nadando desesperadamente, e quase no limite das suas forças, alguns

náufragos tentam agarrar-se aos salva-vidas. Mas estes estão repletos. Quem lá vai dentro defende-se batendo com os remos nos infelizes. «Está cheio... completamente cheio.» Os náufragos não podem protestar, cada vez que abrem a boca engolem água salgada. Um, o mais teimoso, conseguiu resistir a trinta porradas com os remos. Morreu sem dedos.

la atravessar a rua, quando de repente um automóvel passou por mim lançado à doida. Chegou quase a roçar ao de leve o meu sobretudo. Fiquei lívido. «Por pouco não me matava», murmurei. Olho em redor. Ninguém, ninguém notou o perigo que corri. À minha frente, passa um sujeito qualquer. Agarro-me a ele, detenho-o. «Viu? por pouco não me matava.» «Quem?» Olha para mim como se eu estivesse louco. Não insisto. Afasta-se à pressa, virando-se de vez em quando para me observar. Que deverei fazer para despertar o interesse do meu semelhante? Então, não basta ter estado prestes a morrer? Querem mais? Será necessário que morra mesmo... total e definitivamente? Rodeia-me uma multidão de gentinha curiosa. Um polícia repete um tanto nervoso: «Circulem, vamos, circulem...» Talvez eu esteja a ouvir tudo... e sem poder mexer-me. Será isto a morte? Assalta-me uma dúvida horrível... Estou ou não estou em pecado mortal? Não me lembro. O primeiro mandamento, o segundo, o terceiro. Cobre-me o corpo um suor gelado. Agora me lembra, estou em pecado mortal. Felizmente, e por concessão papal, que figura numa moldura à cabeceira da minha cama, que um parente me trouxe de Roma, basta que diga «Jesus» e terei

salvado a alma. Muito mais custoso teria sido rezar o comprido acto de contrição... Mas chegaria a ter tempo, com aquele malvado carro, de exclamar «Jesus»? Receio bem que não. Volto a cobrir-me de suores frios. Tenho que ir já já a uma igreja. Tenho que confessar-me a um padre. Começo a caminhar com todas as cautelas para a igreja mais próxima. Que sorte! não é necessário atravessar nenhuma rua. Colado às paredes, com medo que uma telha acabe com a minha vida, avanço cheio de medo e cansaço até ao confessorário...

NO PSIQUIATRA

Nasci num porto de mar. Quando os barcos entravam no molhe silvavam um «tuu, tuu», forte e agudo. A minha mãe ia logo à janela (fazia-o sempre) e mirava os barcos com um olhar de ansiosa expectativa. Vivíamos os dois sozinhos, numas águas-furtadas. Assim se passaram muitos anos, quinze, vinte, não sei bem. Um dia, resolvi-me e perguntei-lhe num tom carinhoso: «Num desses barcos, chega um dia o paizinho, não é?» «Não, filho, tu não tens pai», respondeu... Continue, disse-me o psiquiatra. Estou deitado num divã e olho a direito pró tecto. Gostaria que o meu olhar se perdesse no infinito, mas não consigo desviá-lo de um pedaço de estuque com uma racha — provocada pela humidade? «Bom dia, parece-me que deixaram uma torneira aberta na casa de banho...» Olho de soslaio para o psiquiatra... Será possível que ele, um psiquiatra, tenha pronunciado as palavras «torneira-casa de banho»? «Continue, por favor», insiste comigo, de modo perentório. Desde esse momento, fiquei-lhe com raiva. Odiei-o como ninguém é capaz de odiar. Deitado na minha cama, ouvia-a soluçar toda a noite através do tabique que separava as nossas camas, soluços sentidos, intermináveis... Teriam bastado duas pancadas, leves, rítmi-

cas, tão familiares a ambos e que muitas vezes afugentaram o meu pavor nas noites de tempestade, duas batidas com os nós dos dedos da minha mão... Uma noite não aguentei mais aquilo... «Pode talvez tê-lo provocado um menino, entrou na casa de banho e...» «Que se passou ao certo nessa noite?» A voz dele é monótona. Rebuscadamente monótona. Será possível que não lhe interesse, para nada, o que se passou «naquela noite»? Matei-a. É o que me apetece dizer-lhe... Mas não posso mentir. Tenho de o ajudar, contar-lhe a verdade, apenas a verdade e mais nada. Cala-tel, berrei, dando um murro no tabique, que ressoou no silêncio da noite... «Continue.» Doutor, desculpe-me, digo-lhe então, sentando-me no divã, que opinião está a fazer de mim?...

Foi um transeunte baixinho e com óculos que primeiro se apercebeu do que acontecia. «Ali!», gritou, apontando com o dedo indicador o terraço de um edifício muito alto. O polícia olha na direcção indicada e outros transeuntes imitam-no. Sim, com efeito, está um homem perigosamente sentado no beiral do terraço. Começa a juntar-se gente diante do prédio. O tipo parece querer dizer qualquer coisa, mas o barulho do trânsito impede que se perceba o que diz. «Grite mais alto, por favor», exclama uma velhota de cabelo branco e mala preta. «Vou matar-me, vou atirar-me daqui abaixo. Ninguém me ajuda. Sou um desgraçado. Quero morrer. Assim acabo com tudo...!» O polícia desata a correr para a cabina telefónica mais próxima. Um transeunte afasta-se, resmungando. «É o costume. Todos dizem a mesma léria e acabam por não se amandar.» Chega um carro dos bombeiros. O trânsito é interrompido. Centenas de curiosos apinham-se diante do prédio. Os bombeiros estendem uma lona circular no sítio, mais ou menos provável, em que se fará a aterragem. Acorrem fotógrafos da Imprensa com as suas máquinas. O polícia faz uma continência marcial ao chefe, que, entretanto, chegou rápido numa carrinha. «Cha-

mem um padre», ordena o chefe da polícia numa voz autoritária. «Não há aqui nenhum padre?» Suado e ofegante, aparece logo um, abrindo com dificuldade caminho por entre a multidão. «Vamos lá acima!», ordena, perentório, o chefe da polícia. O sacerdote vai atrás dele. Lá está o suicida, perigosamente sentado no estreito beiral do telhado. Impossível chegarem junto dele. O chefe da polícia, com um megafone, interroga: «Onde é que você mora?» O suicida, delicadamente, dá a direcção e o chefe da polícia segreda qualquer coisa ao ouvido de um subordinado, enquanto ordena ao sacerdote: «Fale com ele.» Monotonamente, o padre começa a desfiar um ror de coisas maravilhosas, mas o suicida parece não se comover lá muito. «Vou-me atirar quando acabar de contar até cem.» «Um, dois...». Quando chegou a noventa e nove aparece a mulher, acompanhada de uma menina pálida e magrizela. «Porque fazes isto, porquê?», exclama a chorar a mulher, que tinham ido buscar a casa numa carrinha da polícia. «A vida é maravilhosa — afirma o padre. — Todos gostam de si, como vai ver... E há um Deus que perdoa cheio de misericórdia.» Uma lágrima furtiva desliza pela cara emagrecida do pressuposto suicida. Desliza vagarosamente pelo parapeito até ao grupo de salvadores. Rapidamente, dois polícias, como se temessem que ele se arrependesse, agarram-no brutalmente pelos pulsos. O chefe da polícia, iracundo, prega-lhe um sonoro bofetão. «Vai-te custar muito cara esta gracinha!» Na rua, lá em baixo, a multidão começa a dispersar-se, decepcionada.

A mulher do meu amigo põe-lhe os palitos. Todos sabem disso. E ele? Observo-o com atenção durante todo o dia, enquanto trabalhamos. Nenhuma atitude o denuncia. Nem uma palavra sequer. Ri-se como todos, como eu, quando alguém diz uma chalaça que faz alusão ao seu caso. Sabe de tudo, tenho a certeza que sabe. Não tenho coragem para levantar-me da minha banca, ou talvez melhor, esperá-lo à saída, quando acaba o nosso dia de trabalho, e dizer-lhe, sem rodeios, cara a cara: «Sei tudo»... É possível que se agarrasse a mim a chorar. Talvez me desse um murro. Bastava-me acrescentar: «Todos nós sabemos...» Às vezes um plural mal aplicado provoca estas violências. O meu amigo e a mulher odeiam-se, odiavam-se há muitos anos já, mas continuaram sempre a guardar as aparências. Nem um grito estridente, nada de gestos ameaçadores. Bastava para o acalmar uma mordidela enraivada, silenciosa, lenta, num dos dedos da mulher, isto é um exemplo. Ela não dizia nada. Aguentava, resistia, mordía os lábios. Uma que outra lágrima inoportuna às vezes deslizava devagar pelo seu rosto. «Chega, por amor de Deus, já chega», balbuciava baixinho, para que ninguém a ouvisse. Ele ficava logo quieto. Satisfeito. E tudo isso, mui-

tas vezes, só por uma resposta brusca dada diante de um grupo de amigos. Depois, a desculpa para as vizinhas do dedo entalado por imprudência numa gaveta. Agora, quando ele souber do adultério (escrevi-lhe uma carta anónima) estou convencido que vai dar cabo dela, mata-a com certeza. Devagar, muito devagarinho. «Mata-me depressa, se faz favor», é o que ela lhe dirá, como sempre submissa e obediente. Até parece que estou daqui a vê-los...

O homem, aproximando-se do guiché, atirou com esta: «Sou o anticristo.» Nos seus olhos brilhavam ténues chamas. Era o fogo da ilusão, da fé, da convicção própria. O funcionário, entrincheirado por detrás da portinhola, parou por momentos de trincar uma sandes e disse: «Trouxe as apólices?» Frase de efeito infalível. Porque ninguém anda com apólices na algibeira. Experimentem sair à rua. Perguntem a qualquer pessoa: «Trouxe as apólices?» Ouvirão as respostas mais pitorescas da boca de transeuntes desconhecidos: «Desculpe, não fumo.» «As horas? Meio-dia e um quarto.» Ou ainda (o que é muito pior): «Que Deus o ajude.» Infelizmente, ninguém presta atenção a ninguém. O suposto anticristo afastou-se do guiché. Começa a andar e nas suas pegadas principiam a crescer umas florzinhas maravilhosas, de todas as cores. Amanhã mesmo, as mulheres da limpeza vão rabujar, queixando-se que o trabalho cada vez é maior. O suposto anticristo aproximou-se do porteiro que está sentado a uma mesinha com a sua sineta. Tocando-lhe com a mão no ombro, ia começar a dizer: «Diga-me, bom homem...» O porteiro está já curado. Porém, não deu por nada. Mas o reumatismo, que tanto o incomodava, desaparecera, bem como a úlcera. Mas

o porteiro, distraído, respondeu de mau modo: «Só amanhã. Não posso fazer nada. Já passá da hora...» «Dava metade da minha vida — costumava o porteiro dizer em casa à mulher —, dava metade da minha vida se me desaparecesse esta maldita úlcera.» O anticristo dirigiu-se para a porta. Abriu a boca e maravilhosos trinados, cantados por milhares de canários, pairam no ambiente. Desenha com a mão direita um arco no ar e um maravilhoso arco-íris surge de repente. E, ao ver que passava junto dele uma senhora de aspecto atraente, exclamou com emoção: «A senhora terá uma longa vida.» Uma sonora bofetada estala no ar ao mesmo tempo que a palavra «grosseirão»... O anticristo, com a mão na cara, todavia murmura: «Precisamente até ao dia 13 de Fevereiro de 1998. Faltam portanto...» Mas a senhora, indignada, afasta-se apressadamente e já não o pôde ouvir. E, o que é pior, tão-pouco ver, porque se se vísasse para trás, se olhasse um pouco para o alto, ia contemplar um maravilhoso bando de borboletas que a seu lado revoloteavam sem parar, numa harmonia exuberante, à maneira de uma escolta poética...

DECLARAÇÃO DE AMOR

Não sou daqueles que inconscientemente juram amor eterno... Quanto tempo dura o amor? Cinquenta anos? Quem festeja as bodas de oiro vem infalivelmente nos jornais. «São notícia», como se diz na gíria dos jornais. E há que contar com os acidentes imprevistos, o cancro, o adultério... É puro o nosso amor? Sim, sim, é puro. Desinteressado? Não sei. Gostarias de mim, como gostas, se arrastasse metade do corpo numa cadeirinha de rodas? Duvido. Cheiras a suor que tresandadas. Mas o meu amor supera esse defeito. Lembra-te, não esqueças, que te disse um dia: «Cheiras a suor mas gosto de ti.» Esta é uma maneira de declarar o meu amor, uma maneira como outra qualquer, mas sem aquele halo de poesia que deforma as coisas e as transforma em irreais, ridículas, estúpidas... Temos de encarar e viver as realidades e saber enfrentá-las, porque chegará o dia em que vamos desejar pôr fim à nossa correspondência amorosa... Lembro-me, vagamente. Minha mãe sentada na poltrona de espaldar coçado e, ao lado, o meu pai, numa cadeira. Com gestos desajeitados e lentos rasgavam em pedacitos cartas antigas. Cartas de amor, de quando eram novos. Tinham-nas guardado anos e anos, agora, sem saber o certo porquê, destruíam-nas, fa-

ziam-nas desaparecer. Eu sabia o que estava escrito nelas, tinha-as lido às escondidas quando jovem. Juras de amor, paixões reprimidas; ilusões mútuas, baixezas perdoadas, promessas inconscientes perante uma realidade terrível e imprevisível... E com o correr dos anos, de mútuo acordo, rasgavam-nas, agora. Por pudor, por medo, por vergonha... A morte — bem o sabiam — aproximava-se na primeira esquina e convinha não deixar recordações íntimas que estranhos lessem. Assim, a vida é mais suportável, talvez... Por isso evito sempre escrever cartas. Embora fique mais caro, prefiro o telefone. Porque também mais dia menos dia vamos morrer. Se de nós dois, não for eu o primeiro a morrer, penso que não poderei suportar a tua falta, mas depois, com o tempo, parece-me que acabarei por murmurar palavras de amor ao ouvido de uma prostituta. Fiz-me compreender? Ia quase jurar que os olhos dela reflectem medo... Um longo silêncio. Receio que não tenha percebido ou eu não me tenha sabido explicar bem.

O VENDEDOR

O homem, prantado diante da porta da minha casa, pretende vender-me um aparelho de televisão. Como é natural, alega que é a última novidade, modelo único e sensacional. Não pude evitar a torrente do seu palavreado. Deixei-o actuar por sua conta e risco. Instalou o aparelho na casa de jantar e enquanto continuo a ler tranquilamente procedeu à instalação da antena. «Já está — disse depois, com um gesto triunfante. — Que deseja o senhor ver no écran?» «Passarinhos», respondi, confiado em que depressa me deixaria em paz. Pássaros de mil cores, pássaros maravilhosos, pássaros de mil diversas raças encham a sala com os seus trinados. Parei de ler o jornal. Coisa estranha. «Agora, gostava de ver a minha mãe...» Logo no pequeno écran surgiu a figura venerada de minha mãe, com os brancos cabelos, o colar de pérolas falsas, a bata de tecido preto. «Meu filho», murmura olhando-me através do écran. «Mamã, querida mamã!» Sinto os olhos marejados de lágrimas e um aperto na garganta. A imagem desapareceu lentamente. No écran surge agora pequenas nuvens com uns anjinhos a tocar trombeta. Noto certa desafinação. Mãe, há quantos anos partiste? Vinte, vinte e cinco? A voz do homem interrompe o fio dos

meus pensamentos: «Então? Está interessado no aparelho?» Enquanto o acompanho até à porta, vou acumulando argumentos: agora não tenho dinheiro, a televisão cansa-me a vista... De novo sozinho em casa, sentado no sofá, a ler o jornal, não consigo concentrar-me na leitura.

O cadáver está no leito mortuário. A viúva, diligente mesmo apesar do seu desgosto, não descursa o mínimo pormenor. O quarto está limpo e arrumado, mas ela não pára: com um pano de pó continua a limpar todos os recantos, enquanto vai resmoneando umas rezas. Outra senhora, de luto pesado, sentada a um canto, observa aquele afã de limpeza e murmura também umas orações. O caixão, aos pés do morto, aguarda... Toca a campainha da porta. As duas mulheres interrompem as rezas e olham-se interrogativamente: «Serão eles?» A viúva não responde e dirige-se para a porta, alisando os cabelos com a mão. Sim, eram «eles». O momento é trágico, e a viúva começa a chorar tristemente, enquanto aponta para o quarto onde se encontra o defunto marido. Um sujeito de maneiras distintas, acompanhado de uma enfermeira, entra na câmara ardente. A viúva, abraçada à amiga, espera cá fora. «Ele era tão bom... tão bom... mas não devia ter feito isto!», murmura. Passa algum tempo e, por fim, o sujeito distinto e a enfermeira reaparecem. «Minha senhora, a conduta do seu marido é um nobre exemplo! A Humanidade precisa de homens como ele, porque a Humanidade precisa de olhos. Muito obrigado em nome daqueles que não vêem.

Graças a seu marido, um cego recobrará a vista...» A viúva recrudescer nos seus lamentos, inconsolável. O sujeito beijou-lhe respeitosamente a mão e dirige-se para a porta, sempre acompanhado da enfermeira. De novo a sós, as duas mulheres entram na câmara ardente, como a querer certificar-se que o morto estava ainda ali... Estava, com efeito, mas agora tinha uma venda sobre os olhos; melhor dizendo, a tapar-lhe as pálpebras vazias... Tornam-se mais aflitivos os gritos da viúva. A amiga abraça-a... «Era um santo! Um santo!», exclama. A campainha da porta volta a tocar. É o sujeito distinto: «Minha senhora, desculpe. O seu marido usava óculos, não é verdade?» A viúva diz que sim com a cabeça, os olhos marejados de lágrimas. «Então, se não se importa..., gostaria que mos desse, porque o "outro" também vai precisar deles, com certeza...»

MILAGRE

«Ajuda-me, papá!», diz meu filho na sua língua de trapos. E estende os bracinhos para que o ajude a saltar da cadeira. Distam do chão uns escassos vinte centímetros, mesmo assim precisa da minha ajuda. Mais dia menos dia, não faltará muito, vai dizer-me uma destas: «vou-me casar», «não acredito em Deus, bolas» ou vai dar-me uma sonora estalada na cara, que nos irá separar para sempre. Mas, tenho a certeza, na hora da minha morte, recordarei apenas os momentos felizes que passei a seu lado e esquecerei que me bateu. Meus filhos têm admiração por mim? Duvido muito. Costumava fazer aquele truque de escamotear o dedo polegar diante dos seus olhos espantados. Depois, a mãe fingia de morta. E eu, com uns passes magnéticos das duas mãos e umas palavritas mágicas conseguia realizar o «milagre». Batiam palmas de alegria. Porém, no dia em que dei um beijo na testa gelada da minha mulher e eles, os meus filhos, fizeram o mesmo, desiludidos, ouvindo os soluços das vizinhas, tudo mudou. Para sempre. Agora, posso pegar numa espingarda e fazer a revolução; escrever um livro espantoso; descobrir a cura definitiva para o cancro... tudo será inútil. Quando colocaram a tampa no caixão perdi (sabia) a minha última oportunidade.

ATERRAGEM FORÇADA

Apenas se ouve um ligeiro zumbido no interior do avião. Alguns passageiros dormitam. Outros lêem. Daqui a nada vamos aterrar. Há poucos minutos os altifalantes deram a ordem de atarmos os cintos de segurança. O avião começa a descer. Distingo uma casa perdida na campina. Virei a conhecer os seus moradores algum dia? Acho que não. Demasiadas coisas estúpidas, banais e supérfluas enchem a minha existência e vão impedir que os conheça pessoalmente. Se tivesse tempo... «Boas-tardes — diria, interrompendo-lhes a refeição. Estão todos sentados em volta da mesa —, passava agora mesmo lá por cima e disse cá comigo...» O olhar que me lançam exprime o espanto, o assombro. Não, não seria lógico. Deixemos as coisas como estão. Vejo aproximar-se a pista. De súbito, o avião dá uma sacudidela e retoma altura. Sinto-me inquieto. Uma voz, a da hospedeira, tenta tranquilizar-nos através de um altifalante. Não foi nada. Apenas uma ligeira avaria no trem de aterragem. Daqui a momentos vamos tentar outra vez. Tenho medo. É inútil gritar ou berrar: Quero sair! Há que esperar, quieto, silencioso, sem ver nem pensar em nada. Terá chegado a minha última hora? Que estupidez morrer assim! É impossível, não pode ser. Estas coisas só

se lêem nos jornais, só acontecem aos outros. Mas a mim? É ridículo. O avião descreve um largo círculo sobre o aeroporto. O céu está de um azul intenso e ali mesmo em baixo está a terra. Meu Deus, como é bela a vida! Quero viver, dê lá por onde der. Serei pobre, serei bondoso, vou gostar da minha mulher, nunca mais a torno a enganar. Vou perdoar a toda a gente, vou gostar de toda a gente, até do Pedro, que dizem que me odeia. Vou já amanhã abraçá-lo: «Olá, Pedro!», dir-lhe-ei. Amanhã? Não, hoje mesmo ainda. Desde já o prometo, quando o avião poisar em terra terá nascido em mim um novo homem. Hei-de gozar de todos os instantes de felicidade. Vou contar os minutos, os segundos e darei graças por estar vivo. A quem? A Deus, naturalmente. Sim, Deus existe, tem que existir. Alguma vez duvidei disso? É verdade. Mas agora creio, creio, creio... Em tropel e com dificuldade, acodem-me aos lábios algumas palavras que não conseguem, no entanto, engrolar uma oração completa...

O avião tocou com as rodas na pista e diminuí de velocidade. Viva!, grito. Viva!, gritamos todos. Uma matrona gorducha abraça-se a mim. Outros batem palmas. É um bom momento para beijar a hospedeira. A grande oportunidade. Visto o sobretudo. Estou pletórico de alegria. Onde estão os pilotos?, pergunto energicamente. Quero uma explicação, exijo uma explicação. Vou apresentar queixa à companhia. Nunca mais viajo nestes malditos aviões. Parto a cara aos membros da Administração. Vou contar o que se passou a todos os meus amigos. Com as vidas humanas não se brinca, era o que faltava! Cambada de estúpidos! Amanhã mesmo hei-de reclamar. Sem contemplações! Doa lá a quem doer!

O FUZILAMENTO

Era válida, resultaria moralmente lícita aquela maneira que tinha o Coronel P. de divertir-se assim com os prisioneiros? É verdade que os dias decorriam num monótono marasma naquele ermo onde o sol lançava os seus raios ardentes sem piedade, que o Coronel P. se aborrecia imenso e deplorava o facto de que na capital não se preocupassem com a sua ansiada transferência (no dia em que a pediu, beijou a carta antes de a meter no correio) e que, tão-pouco, a vida daqueles reclusos tivesse grande importância... mas ele há brincadeiras que excedem todos os limites. Por exemplo, o fuzilamento «aquático». Assim chamado pelo Coronel P. O primeiro que suportou a gracinha morreu de susto. A brincadeira consistia em sacar de uma das celas um prisioneiro escolhido ao acaso, levá-lo para o muro de execução diante do respectivo pelotão, tapar-lhe os olhos como uma venda para que não visse o truque e gritar «Água!» em vez de «Fogo!». As espingardas não disparavam tiros nem sequer grãos de chumbo, mas apenas esguichos de água, como nas pistolas de Carnaval. A gracinha terminou quando, pela repetição, muito frequente, os outros prisioneiros souberam do caso e deixaram de se assustar. O mau foi quando o Coro-

nel P., resolvido a levar a brincadeira até ao fim, um belo dia gritou «fogo» e as espingardas vomitaram balas a sério. O desgraçado prisioneiro, que se julgava mais esperto e brincalhão que o próprio Coronel P., morreu em fato de banho, com os olhos arregalados, vítima da surpresa...

Sou inimigo da injustiça. Todos os dias o repito para comigo na casa de banho, diante do espelho. A minha indignação perante uma situação injusta não tem limites... Desculpem, tem limites. Nobremente o admito. Não sou capaz de ajoelhar-me no meio da rua, regar-me de gasolina e deitar fogo a mim mesmo. Sou um tímido, um envergonhado e os meus gritos de terror decerto iriam chamar a atenção de toda a gente. Não gosto de chamar a atenção de ninguém. Há outras maneiras, outros processos. «Clique», e a rádio cala-se num instante. Com a televisão é mais difícil. A família protesta. E então, que poderei fazer? Um amigo meu não suporta que o contrariem. A sua negativa é sublinhada com violentas punhadas na mesa, parte garrafas, despedaça copos e pratos na parede. Seria capaz de fazer o mesmo?, perguntei um dia a mim mesmo. Porque não? E atirei com força uma jarra à parede. Estávamos todos sentados a ver televisão e o locutor só dizia parvoeiras. Feita em cacos, os vidros da jarra espalharam-se pela sala. «Apanha já isso tudo!», disse a minha mulher, com uma voz seca e autoritária. Não teve a mínima consideração pela minha pessoa, a minha dignidade de pai.

Em frente dos nossos filhos tive de apanhar, de joelhos, um por um, os cacos da jarra... Quando estendia o braço para agarrar um vidro mais afastado, a minha filha protestou: «Papá, abaixa a cabeça, assim não vejo bem...»

Mass e Moss encontravam-se no deserto do Sara, a oitenta quilómetros de Tobruque. Haverá petróleo aqui?, tinha dito Moss às cinco da tarde de um dia chuvoso de Abril, na esplanada de um café perto da casa de Mass, em Paris. E com as economias de Mass foram até ao local exactamente assinalado no mapa pelo dedo indicador de Moss, no mapa de África que o criado de mesa, amigo de Mass, lhes tinha emprestado. Com a ajuda de cinco indígenas, começaram a fazer buracos na areia. Moss chorava, enquanto cavava, e dizia: «O petróleo já não me interessa nada!» Mass então recordava-lhe que quem tinha arriscado o dinheiro era ele. O calor era sufocante. De súbito, um tiro soou no ar. Um indígena caiu morto. Quis ainda dizer qualquer coisa antes de tombar no chão, mas atrapalhou-se e disse apenas: «Bramacalaba...», que não significa nada. Moss e Mass agarraram à pressa nas espingardas e, costas com costas, dispuseram-se a vender caro as vidas. Os restantes indígenas, chorando e tremendo, arrojaram-se por terra e nem se mexiam. Não se via ninguém. As dunas. A areia interminável. Um silêncio angustiante, apenas interrompido pelo «glu-glu» do petróleo a brotar à superfície.

Anoiteceu. Mass e Moss continuavam na mesma posição, mas doíam-lhes os rins. Os indígenas, aproveitando a escuridão, tinham resolvido fugir e abandoná-los sozinhos.

Nasceu o dia. Mass e Moss continuavam hirtos na mesma posição, de espingardas aferradas. De repente, ouviram uma gritaria horrível, espantosa e ao cabo de momentos viram um pavoroso espectáculo. Os quatro indígenas que tinham fugido apareceram detrás de uma duna e, em passos vacilantes, passaram diante deles, a curta distância. Não tinham olhos, nem mãos, nem nariz, nem orelhas... Sangravam como porcos. «Matem-nos! Matem-nos! Queremos morrer!», gritavam em uivos dilacerantes.

Moss, compadecido, ia disparar sobre eles. Mass, segurando-lhe a mão, impediu-o, enquanto dizia: «Não podes fazer isso!» E segredou-lhe algumas palavras ao ouvido. Moss baixou o cano da espingarda, tolhido por terríveis remorsos e angústias. Os desgraçados perderam-se por entre as dunas.

Dois horas depois do incidente, os tuaregues atacaram. Mass e Moss lutaram até poder. Moss caiu com um balázio entre os olhos. Mass foi ferido na cabeça, nas costas, enquanto carregava a espingarda inda uma vez...

Meia hora mais tarde, tendo recobrado a consciência, Mass, cego, sem nariz e sem mãos, gritava desesperadamente, sozinho no meio do deserto: Moss, onde estás? Moss, é preciso que me mates...!!

A PROMESSA

Que recordação do meu pai não mais me esquecerá? Uma vez quase me ia matando, dominado por uma ira incontrolável, só por causa de um prato de grão que me neguei a comer. Fiz várias tentativas mas acabei por vomitar tudo. Com o correr dos anos aquela situação foi-se convertendo, para mim, em algo de afectuoso e íntimo. Nunca lhe dei motivo nenhum para que se orgulhasse de mim. E, todavia, sei que me adora. Percebi isso no dia em que o levaram, numa maca, para a sala de operações. A vida dele corria perigo e havia tanto medo da morte nos seus olhos, tanta ternura contida para comigo, que quis formular um voto solene quando desapareceu no largo corredor do hospital. Mas que podia prometer? Dar esmolas? Vestir um hábito roxo, caminhar descalço ou de joelhos, um quilómetro..., dez quilómetros? Queimar com um fósforo o dedo mindinho?... Quantos segundos seria capaz de suportar a dor? Devo ter levado muito tempo a cogitar em todas estas coisas. Uma mão, suavemente pousada no meu ombro, era o cirurgião, resolveu de vez as minhas dúvidas: «Lamento informá-lo mas o seu pai morreu.»

Querida mãezinha

Acabámos sem novidade a primeira etapa da viagem. Quando chegámos ao hotel, ele saiu a dar umas voltas pela cidade, que ambos desconhecíamos. Queria arejar a cabeça e ficar mais tranquilo. Quando fiquei sozinha, sentada na cama, comecei a chorar, nem sei bem porquê. Depois despi-me à pressa, apaguei a luz e meti-me na cama. Enfie-me pelos lençóis abaixo, tanto, tanto, que acho que nem se via um cabelo de fora... Quando ele voltou, não quis acender as luzes do quarto. Só sei que, caminhando sem fazer barulho, me perguntou muito baixinho: «Ermelinda, Ermelinda, estás acordada?»

Desculpa, mãezinha, mas contra o que desejaras, não quero continuar a contar-te essas coisas que tanto gostas de ouvir. Não é apenas a mim que dizem respeito, mas também ao meu marido... Como parece estranho falar nisto pela primeira vez, não é? «Meu marido.» Há poucos anos ainda, como me teria parecido ridículo ouvir tal coisa: «Apresento-te o meu marido», teríamos desatado a rir. De qualquer maneira,

agora que estou longe de ti, podia fazer-te muitas confidências, contar-te muitos segredos, muitas coisas que até agora nunca me atrevi a dizer-te cara a cara. Podia responder a essa tua constante censura, que me fazias a todas as horas: «Mas que loucura é essa de casar com um reles condutor de eléctricos?» Mãe, tenta compreender, eu não queria ficar solteira. Dizia comigo: «Quero ter um lar, filhos, alguém, um homem a meu lado, que goste de mim e me faça feliz. Que goste um pouco de mim, um pouquinho, porque hei-de amá-lo de alma e coração. Mas onde estará esse homem, meu Deus? Porque não aparece? Ignorará, por acaso, que rezo por ele dia e noite?» E então encontrei Humberto, que é condutor de eléctricos e sabe tocar a campainha do carro suavemente como ninguém, «tlim-tlim...» Mãezinha: pois não sabias que eu, na cama, depois de apagar a luz e ficar sozinha no quarto, no meio da escuridão, me fartava de chorar e tinha que esconder a cara na almofada para que não ouvisses os meus soluços?...

Ermelinda

Batem à porta e vou abrir: «É aqui que mora fulano de tal...?» «Eu próprio.» É um tipo fardado e de boina quem me faz a pergunta. É meia-noite e estou de pijama. Em silêncio, e perante o meu espanto, dá-me um uniforme, um capacete, um cantil e uma espingarda. Já ia a descer a escada, caminho da rua, diz-me à maneira de despedida: «Não se esqueça. Amanhã, sem falta, às dez da manhã. Pertence ao Grupo 4. E traga um farnel. É um conselho pessoal...» Deixo de o ver. O meu assombro não tem limites. «Quem era?» — pergunta do quarto a minha mulher. «Ninguém. Um pobre.» Tenho que actuar rapidamente. Escondo tudo aquilo num armário da despensa. Depois ligo a rádio, enquanto assobio uma cançoneta em voga. Suicidou-se uma actriz famosa. Não me interessa. Afundou-se uma barcaça no mar do Japão e morreram afogados duzentos japoneses. Não me interessa. Durante o resto da noite não consigo dormir. Vejo todos os convocados comendo os seus farnéis. De repente, um apito. Um estrondo pavoroso. Sinto um arrepio, estremeço todo. «Que é que tens?», pergunta minha mulher. «Nada». respondo. Agora, pelos campos, vejo montes de pedaços de papel gor-

durento, único testemunho de homens imolados nas aras de... de quê? Oiço o uivo de uma sirene; não há pão... Não posso mais. Levanto-me da cama, abro a janela que dá para a rua e pergunto-me: porquê? A minha pergunta ressoa estranhamente pelas ruas desertas, enquanto o desespero me rói por dentro. Quero!, exijo!!, pretendo saber porquê!! E o meu grito alucinado apenas serviu para assustar um gato vadio que rapa os desperdícios dos caixotes de lixo, na borda do passeio. A minha mulher puxa-me com desespero pelo pijama e arrasta-me para o leito conjugal, enquanto começam a aparecer iluminadas algumas janelas da vizinhança.

O FILHO PERDIDO

Será ele? Passados eram já vinte e cinco anos desde a sua última carta, com a data logo ao cimo. «Mãezinha, tenho medo e sinto-me muito só...» Confissões inoportunas que apenas serviam para aumentar a dor dos pais. Na noite em que morreu, em vão chamou por nós, cem, mil vezes... Ninguém o ouviu, morreu exangue na terra-de-ninguém, no mais rigoroso anonimato, com as tripas à mostra, esventrado pela metralha. E agora, um comunicado oficial convocava-os a tentarem reconhecer, examinar de perto um desertor cujas características físicas e certos sinais faziam crer que fosse o filho desaparecido... Seria ele? Não consigo dormir em toda a noite. Ó mulher, dorme, amanhã se verá. Para ele era o mesmo. A vida perdera todo o incentivo. E não pensava chorar mais. O importante era não pensar. Os olhos fixos no televisor, nos jornais. Que significado tinha o regresso dele, agora? O tempo é traiçoeiro. Um rosto inexpressivo, cabelo ralo, muito mais magro... Era ele? Examinaram-no minuciosamente, dos pés à cabeça. «O meu filho tinha o dedo mindinho da mão esquerda torto. Partiu-o quando jogava futebol e não foi tratado como devia ser...» Aquele tipo tinha um dedo mínimo normal. O seu único defeito era a cegueira, pro-

vocada pela guerra química. Uma grande contrariedade, para começar. A mulherzinha deu-se por vencida e o marido sentiu um certo alívio. «Adeus», murmurou ela, sem se atrever a tocar aqueles braços que tentavam agarrá-la. Quando já estavam na rua, a mulher teve um momento de hesitação... Parou. «Estou a lembrar-me que não era o dedo mindinho da mão esquerda. E não reparei bem na mão direita...» «Anda daí, mulher, vamos embora.» O marido puxou-a meigamente para diante e o casal virou a esquina, devagar...

É de sua livre vontade receber como esposa Maria Fulana de Tal? — pergunta-me o padre. Olha para mim fixamente, como se suspeitasse da verdade. «Pois, com certeza, porque não? É natural, se vim até aqui...» Mas as palavras ficam presas dentro da minha cabeça. Todos estão à espera de um «Sim» sonoro e resoluto... e foi o que fiz. Sou um covarde. Cem, mil vezes repetia para comigo: «Amanhã é que lhe digo.» Mas no dia seguinte calava-me. Não suporto cenas patéticas. Nem lágrimas. Chega de tanta comédia. Afinal, que sabemos nós do amor? Amamos o nosso próximo por amor a Deus mas quem é capaz de amar ao próximo simplesmente por amor do próximo? Se derem uma bofetada em alguém, dá-se-lhe de conselho apresentar a outra face como meio infalível de alcançar a felicidade no Além. Mas quem é que é capaz de dizer «obrigado» depois de apanhar o segundo bofetão? Digam lá: quem? Durante o resto da cerimónia não fui feliz por culpa do padrecá...

Uma coluna de fumo perfilou-se no horizonte. Robinson não podia acreditar no que os seus olhos viam. Há dez anos que vivia naquela ilha, perdida no oceano e desviada de todas as rotas marítimas. E sem ninguém que lhe fizesse companhia naqueles intermináveis dias de solidão. Vou chamar-lhe «segunda-feira», repetia consigo próprio para se animar, esperando em vão que chegasse um criado negro, como julgava que sempre acontecia em tais circunstâncias. Dizendo melhor, «terça-feira». Dois anos depois, pensou chamar-lhe «quarta-feira». Três anos mais tarde admitiu que bem podiam chamar-lhe «quinta-feira»... até que a coluna de fumo do enorme barco, que já se divisava a distância, lhe fez esquecer o problema... A sua barba era abundante e muito comprida. Não havia a menor dúvida: o barco dirigia-se para ali. Deteve-se perto da ilha. Arriaram um escaler e marinheiros com vigorosas e rítmicas remadas trouxeram quase junto à praia um oficial que, arregaçando as calças até aos joelhos e com os sapatos na mão, se meteu à água, fazendo um gesto expressivo de quem a achava muito fria. Num momento, chegou diante do naufrago, fez a continência e perguntou, mostrando-lhe um enrugado pergaminho: «Foi o senhor que escreveu

isto?» No pergaminho estava escrito: Socorro! Não, ele não tinha escrito nada. Não tinha caneta, nem papel, nem uma garrafa, era fácil perceber. «Lamento muito», exclamou então o oficial e, girando nos calcanhares, tornou a entrar na água. Deu um pequeno salto diante de uma ondazita e subiu outra vez para o escaler, com a ajuda de um marinheiro. Enquanto a embarcação se afastava rapidamente em direcção ao navio, o oficial acenava com a mão, saudando com afecto o forçado Robinson. Este não conseguiu pronunciar uma só palavra... Tinha a língua seca. Haviam decorrido muitos anos. «Não é possível...», foi a única coisa que conseguiu dizer, quando já o barco desaparecia na linha infinita do horizonte. Mas ninguém o ouviu...

Pergunto a mim mesmo se seria capaz de suicidar-me. Sou feliz, não tenho qualquer motivo... O meu carro tem um desastre. A muito custo, consigo sair por entre as labaredas e a fumarada, arrombando a porta e impotente e desesperado assisto à morte horrorosa da minha mulher e dos meus filhos. E agora? Houve momentos em que me assaltou uma angústia tão irracional e deprimente que cheguei à conclusão que tinha de acabar com a vida imediatamente... Mas encontrei Salustiano que me contou a vida dele: coisas banais, pequenas tragédias, mediocridade, tristezas... Ouvi-o em silêncio e apertou-me a mão à despedida. «Sei que não voltaremos a ver-nos.» Foi inutilmente que protestei vezes sem conta. Salustiano insistiu. A partir de então, comecei a ler os jornais ávida, ansiosamente... Depois dele iria eu. As minhas razões eram mais poderosas. Inútil. As crónicas de acidentes nunca se referiam a ele. É certo que os cadáveres demoram vários dias a surgir à tona de água e a flutuar, repito para comigo. A barriga horrivelmente inchada e a pele lívida. Foi assim que vi pela primeira vez um morto e por sinal era o meu tio. Por causa da hidropisia — «vida de primeira e enterro de ter-

ceira», era o seu lema; tiveram de lhe furar o ventre monstruoso, disforme; «Para o ano que vem...», ia fazendo planos o inconsciente, enquanto saía o líquido e com ele a sua vida... A não ser que tivesse atado uma pedra ao pescoço. Havia ainda essa possibilidade, tratando-se de Salustiano...

Ninguém me conseguirá arrancar daqui. É inútil que peçam, que chorem, que supliquem. Fico aqui, no **Campanile**. O vento sopra com força e torna-se difícil deitar uma olhada ao panorama com tranquilidade. O tipo do ascensor foi-se embora, deixando-me sozinho. Olhou-me com desconfiança, bem como o empregado da bilheteira quando insisti com ele para que me descontasse o serviço de descer no elevador (sempre fui um homem prático). Mas não é que queira morrer. Por isso é que estou aqui. Depois, quando a água lhes chegar aos joelhos, não-de querer fazer o mesmo, mas será demasiado tarde. A morte está sempre aqui presente. Assisti à recolha de cadáveres, quando à traição surgiu o tornado. Os turistas ouviam «Torna a Sorrento» na Praça de S. Marcos, rodeados de pombas, que tomam a pílula anticonceptiva, fornecida pelo Município. Também tu a devias ter tomado, querida. Agora a choradeira dele não nos deixa dormir e profundas olheiras se desenham no teu rosto. Virá a morte e cavará mais fundas as tuas olheiras. Mas os sessenta passageiros do **vaporetto** não a presentiram porque chovia e fecharam as vigias e as portas. «Fecharam-se dentro de um caixão.» Isto dizia um sobrevivente a um grupo de jornalistas, rodea-

dos por uma multidão de curiosos, entre os quais me encontrava. As roupas do naufrago, os seus cabelos estavam ensoados de água e eu não me cansava de contemplar uma criatura que tinha visto a Morte de perto. Depois foram-se todos embora e o homem sentiu-se embaraçado perante a minha presença silenciosa. Deu meia volta e começou a andar. Uns metros adiante olhou-me à socapa, receosamente. Naquela mesma noite houve casais que fornicaram à vontade, porque não sabiam de nada. A toda a largura da primeira página era o que dizia no dia seguinte **Il Gazzettino**. Soa bem, não soa?, **Il Gazzettino**. Vamos todos acabar, mais dia menos dia, fugindo ou morrendo, como os passageiros do **vaporetto**. Por isso subi ao **Campanile**. Eu cá não fujo. Quero ser o último. Sou um comandante que não abandona o seu barco. Quando a água me chegar ao pescoço não farei qualquer gesto. Aliás, seria inútil. E talvez ainda falem de mim no noticiário da televisão. Acenarei com a mão às câmaras instaladas no helicóptero. E pode ser que uma pomba poise na minha cabeça e se assim não acontecer, podia muito bem preparar-se antecipadamente a cena, colocando-me migalhas de pão entre os cabelos...

Uma avalanche de gente empurrou-me para o pé de um padreca («Um sacerdote», diria a minha mulher.) Novo, magro, com óculos. Um tipo como eu? Não, melhor, tem que ser melhor, quase um santo. A Sociedade, a Comunidade, todos nós, exigimos aos padres que sejam santos, absoluta e totalmente santos. Pago os meus impostos, logo exijo. O tipo está à minha frente. O metro começa a andar. Cada movimento dele, o menor dos seus gestos caem sob a alçada do meu olhar implacável e sem piedade. Será crível que se esteja encostando a mim? Ele, que deve ser quase um santo! É verdade que o andamento da composição se acentuou muito, dada a velocidade adquirida, mas não é possível que ele se esteja encostando a mim. Outros que o fizessem. São homens. Mas ele...! Não, não se encosta a mim. Sou obrigado a reconhecê-lo. Deitou a mão a uma pega e tenta não se mover. Quase diria que nem respira para ocupar menos espaço. Descemos ambos na mesma estação. Sigo-o. Sou como um espião da Sociedade, da Comunidade. Sou o seu censor. A sua testemunha secreta. Chegamos junto do letreiro que diz: «Deitem aqui os vossos bilhetes, se faz favor.» O sacerdote mete a mão na algibeira da sotaina, tira o bilhete...

Por momentos, pensei que o bilhete ia cair no chão. Com a rapidez com que se move..., mas não, o bilhete caiu no local exacto. Continuo a observá-lo, vou atrás dele. Ainda lhe falta outro teste difícil. Agora, mesmo à justa, caminho atrás dele. Separam-nos escassos centímetros. Empurra a cancela. Vai largá-la sem virar-se para trás? Sem tomar em atenção que outra pessoa qualquer venha atrás? Não. Olhou para trás e segurou a cancela giratória até que eu a agarrei. Subiu apressadamente as escadas e já na rua a sua silhueta perdeu-se na multidão... Estes padrecas! (sacerdotes, diria a minha mulher) porque hão-de ter sempre tanta pressa? A raiva dominou-me durante vários minutos.

Quando entrei e a vi falava ainda com perfeita lucidez. Percebia o que se passava, estava muito nervosa, é certo, rezando com o terço que segurava entre os dedos. Reconheceu-me, tentou dizer-me qualquer coisa, mas não podia. Não se entendia o que balbuciava, embora conservasse o sentido da visão e não despegava os olhos de mim... Soltou um profundo suspiro e morreu. Olhei o relógio. Meio-dia e trinta e dois minutos. Tomei nota na minha agenda. Os meus irmãos choravam e Maria lançou-se sobre a cama, gritando «Mãe!» «Tem maneiras!», digo, irado.

A APARIÇÃO

Passeava sozinho pelos montes, num terreno solitário e de repente experimentei uma estranha sensação. O vento remexia nas árvores e julguei que ia desmaiar. Serão estes os momentos prévios a uma aparição milagrosa? Um arrepio percorreu-me o corpo. Podia desatar a correr, mas permanecia quieto, especado no chão. Mentalmente, ia magicando nas perguntas que lhe faria, as entrevistas que depois me haviam de fazer na televisão e nos jornais, o dinheirão que podia sacar com uma entrevista em exclusivo e as possibilidades de vender a água milagrosa, previamente engarrafada. Em que sítio ia surgir rigorosamente o esguicho? Por momentos, pensei na possibilidade de lhe pedir... sinto vergonha, daqui o confesso. Começa por pet... Uma nuvem negra ocultou o Sol por algum tempo e então percebi que qualquer vantagem me fora negada. Lentamente, preguiçosamente, retomei o meu caminho... De toda a maneira, os negócios petrolíferos acarretam sempre grandes complicações.

UM ESTRANHO IMPULSO

Amo os pobres, gosto dos pobres, ajudo os pobres. Espero que Deus me leve isso na devida conta. O meu vizinho não os ama, não os ajuda. É o que me consta. Espreito-o pelo ralo da minha porta. Murmura umas palavras, mas não lhes dá nenhum. Um dia, quando ele fechava a porta, um pobre até cuspiu. Farei com que o saiba. É justo que o saiba... Vou escrever-lhe uma carta anónima. Mas não me trairá o meu olhar quando nos encontrarmos no elevador? Sempre tive que lutar contra os meus impulsos. Em Ostende, sucumbi a eles. Aconteceu-me uma vez, na estrada marginal, junto do Kursaal, numa noite de Inverno. O vento recrudescia e uma figura imóvel recortava-se à luz dos faróis. Era eu. Invadia-me uma infinita tristeza. Na hora da minha morte, meus olhos terão saudades daquele lugar, situado a milhares de quilómetros do meu suposto leito de morte. Quando chegar a hora derradeira vou vestir o meu melhor pijama, aquele de riscas verdes e brancas, e ficarei à espera... Desejo com veemência uma longa espera, que me permita recordar os escassos momentos felizes da minha vida. Será a única maneira como, depois de morrer, a comissura dos meus lábios demonstre uma felicidade interior que nunca existiu em mim, mas me

alegra imaginar que, pelo menos, vai provocar certas invejas... Quando me dirigia para o hotel, pelas ruas desoladas, uma porta sugeriu-me um estranho impulso... Olhei em redor, furtivamente. Não vi ninguém. Arremeti contra ela. No silêncio da noite ressoaram dois tremendos pontapés. Desatei a correr... Diante da porta do hotel detive-me uns momentos para controlar a respiração e retomar o fôlego. Pedi ao porteiro a chave do quarto com muita naturalidade. No dia seguinte vinha-me embora. Agora, a milhares de quilómetros, de vez em quando costumo recordar o que sucedeu. Atribuiriam aquilo a um brincalhão, a um fantasma, talvez? Ou, quando fossem para a cama e apagassem a luz, comentariam com certo receio: «Voltará a repetir-se esta noite?» No confissãoário, uma voz sussurra: «Quem sabe se não foi um aviso de Ele? Rezem, rezem, todos os dias...»

Aproximaram-se da costa uns grandes vasos de guerra e durante sete dias a fio estiveram a disparar projecteis formidáveis que foram explodir perto da praia. A seguir, avançaram grandes lanchas anfíbias, que faziam descer as pontes levadiças e despejavam centenas de soldados armados até aos dentes. As granadas não cessavam de rebentar mesmo junto à praia. Um oficial, com uma data de divisas e um pequeno revólver, gritava para os barcos: «Seus estúpidos, apontem mais prá frente!» Mas os barcos de guerra continuavam imperturbavelmente a disparar para a praia. Os soldados tombavam como moscas. Outro oficial gritou: «Ao ataque!», mas no instante em que ia avançar atrapalhou-se, tropeçou e caiu no chão. Os soldados que o seguiam, indecisos, atiraram-se também para o chão. Um começou a chamar pela mãe. Outro gritou «traição!», ao ver que o camarada caía morto com um balázio pelas costas e censurou asperamente o outro pelo seu descuido. Daí a nada, foi uma retirada em completa desordem, exclamando mesmo assim: «Havemos de voltar!» Entretanto, no navio-chefe, o almirante, ao consultar detidamente os mapas, exclamou com ingénua naturalidade:

— Enganámo-nos na praia. Era mais adiante...

E numa voz um tanto enérgica, gritou:

— Adiaaaaaaaaaaaaaante...!

O dedo indicador da sua mão direita assinalava um ponto imaginário no infinito horizonte do oceano.

Deixem-me em paz. Vou dizer, vou confessar tudo. Tudo o que quiserem. Venceram. Mas esta derrota já a previa há muitos anos. Eu era incapaz de suportar a dor, por pequena que fosse. No dentista, ou o atrito de uns sapatos apertados, as injeções, as reguadas nas pontas dos dedos daquele frade de olhar feroz. «Foram estes», disse-lhe, num soluço, apontando dois dos meus companheiros. Naquela noite não consegui dormir e a minha mãe não soube porquê. Então percebi que nunca seria capaz de dominar a tortura. Que querem saber de mim? Confessarei tudo. Mas já me partiram os dedos, cortaram a língua, arrancaram os olhos, esmagaram os testículos, incharam-me a barriga com centos, talvez milhares de litros de água... Portanto, não posso falar nem escrever. As minhas palavras ressoam com fragor na casa de banho. O meu filho bate insistentemente à porta, porque aguarda a sua vez e eu despacho-me depressa para não chegar tarde à fábrica.

A CADEIRA ELÉCTRICA

O grupo de pessoas de aspecto compenetrado deteve-se diante de uma das portas dos calabouços destinados aos condenados à morte. Solícito, um guarda abriu a porta. Um vulto humano estava estendido no leito, totalmente tapado por uma manta. Quando ouviu barulho de passos, soergueu a cabeça e viu-se a testa, um olho e uma madeixa de cabelos e logo se ocultou outra vez completamente. «Anda, John, não nos faças perder tempo! Sabes que isto nos aborrece tanto como a ti...» Mas John não se mexeu e o director da prisão, chateado, arrancou-lhe a manta. John, destapado, limitou-se a sorrir... levantou-se da enxerga e fez vários movimentos de ginástica. Um dos guardas, visivelmente irritado, não teve mão em si que não lhe bradasse: «Deixa-te disso, John, pra que estás agora a fazer ginástica?» John percebeu onde o outro queria chegar e de repente soltou um grito terrível: «Mamá!» Um grito que ressoou por todos os corredores e celas da prisão. Um grito a que se seguiram outros e outros... Arrastaram-no à pressa, quase a correr, sentaram-no na cadeira eléctrica, ataram-lhe os pés e as mãos e John lá se acalmou. «A gente põe-te a venda nos olhos, John...», esclareceu paternalmente um dos carrascos. John

sorriu tristemente. Duas grossas lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Fez-se então um profundo silêncio e segundos depois o corpo de John teve um estremecimento súbito. As testemunhas assistiam mudas e graves ao espectáculo. Quando tudo estava acabado, um do grupo comentou em voz baixa para o companheiro mais próximo: «Até ao último instante esperei que o indultassem. Pelo menos nas fitas acontece sempre assim...»

Observo como se dirige como um relâmpago para a borda de água, para as ondas que se quebram na areia, lenta e preguiçosamente. Carlos! Mas Carlos não me ouve. Carlos continua a correr. Os seus pés chapinham na água. Uma onda molha os seus joelhos. Carlos continua a correr pelo mar dentro. Fico incapaz de mover-me. Parado como uma estátua. Carlos. Evitei enfeitar a palavra com dez ou vinte sinais de exclamação. Prefiro explicá-lo em poucas palavras: o meu gríto foi lancinante, selvagem. Mas Carlos já não o podia ouvir porque tinha desaparecido nas ondas. Então comecei a correr para a borda de água. Apenas quando a água começou a molhar-me as peúgas é que parei. Os meus olhos atónitos contemplaram o mar tranquilo, as ondas tão calmas. Depois, voltei-me e vi as pegadas do meu filho na areia, que se esfumavam justamente onde eu estava. Muito em breve as ondas iam subir com a maré-cheia e fariam desaparecer qualquer rasto. Entre as ondas avisto um objecto, o gorro do meu filho. Trazem-no as ondas, devagarinho. Não é possível, exclamo, num soluço. Não é possível. E agora tenho de voltar para casa, explicar o caso à minha mulher, fazer-lhe compreender o que se passou, evitar que os seus soluços e gritos

escandalizem a vizinhança, tentar que o gorro recuperado não o use nunca o irmãozito pequeno, o meu filho mais novo, porque não podia resistir, não podia suportar ver um gorro com cheiro a sal na cabeça de outro filho meu.

«Estou farta desta vida! Farta! Porque não havemos de viver como os outros? Que segurança teremos no futuro? Vivemos no ar, sem pensarmos o que será de nós no dia de amanhã. Percebes isto, Grock? Percebes...?» A mulher desatou a chorar e o silêncio reinou longos minutos no pequeno camarim. Depois, recomeçou o monólogo... «Ao menos, diz alguma coisa! Dá-me coragem! Não olhes para mim assim!» Batidas discretas na porta e uma voz avisou: «Para a pista!» O casal Grock, pouco depois, no cimo do mastro do circo, uma vez mais efectuava o «salto da morte», perante o olhar assustado de centenas de espectadores. Com uma precisão admirável, Grock apanhou a mulher no ar, após esta ter dado no espaço um duplo salto mortal. Uma estrondosa salva de palmas ressoou pelo circo. Grock aproveitou o barulho para dizer à mulher, lá no alto, enquanto agradeciam os aplausos: «Tens razão, Ketty, muitas vezes pensei o mesmo que tu! Vamos comprar uma quintarola e viver tranquilos e sós, achas bem?» «Os noivos da morte», assim anunciavam os cartazes afixados por toda a cidade, olharam-se radiantes e sorriram.

**ÚLTIMO PARÁGRAFO
DA CARTA DE UM FASCISTA
CONDENADO A MORTE**

«... não quero insistir mais nisso. Seria inútil. Desde aquele dia em que nos fitámos olhos nos olhos e preferimos ficar calados, reparei que uma muralha, melhor dizendo, um abismo se abriu entre nós. Agora, espero pela morte e peço a Deus a força, a coragem e serenidade para a enfrentar sem medo. Os meus companheiros confiam em mim e não quero desiludi-los. Eu próprio darei voz de fogo, se o oficial que comanda o pelotão consentir. E o meu último grito, o nosso grito, espero que saia da minha boca bem claro e vibrante. Um grito que, sem dúvida, irá ressoar pelo mundo inteiro e despertar as consciências adormecidas. Adeus!»

(Assinatura ilegível.)

P. S. — Antes de se publicar nos jornais do costume e difundir pela rádio, convém examinar bem e corrigir o que for conveniente.

O enfermeiro da clínica introduziu-me num quarto. «Ele chama-lhe cela», murmurou. As janelas estavam hermeticamente cerradas e o sol radiante que fazia lá fora não penetrava ali pela menor fenda. O meu irmão estava ajoelhado num oratório, o mesmo que tinha comprado quando ainda estava em casa connosco e tivemos de mudar para a clínica quando o médico foi de opinião que ele devia ser internado. Passara um ano. Hoje, permitiram que o visitasse. Com os olhos muito abertos, olhando fixamente uma imagem pendurada na parede e apenas iluminado por uma vela, não pareceu ter dado pela minha presença... Não me atrevo a interromper o seu monólogo, uma lenga-lenga estranha. Lá em casa, ofendia em fúria a nossa mãe, quando ela interrompia aqueles solilóquios a dizer que o comer estava na mesa. Mas no dia em ele saltou para cima da mesa e começou a declamar as bem-aventuranças — o pai fazia anos e havia convidados — resolvemos interná-lo. Reparou finalmente que estou aqui a seu lado e fita-me. Há lágrimas nos seus olhos... «Por que razão — diz-me entre soluços — por que razão se porta assim comigo?» Quem? «Ele — explica, indicando com um gesto a imagem... — Sabes uma coisa? É horrível ter de confessá-lo e

admiti-lo, mas já não posso suportar este peso, este segredo. Quando fala comigo (a voz de meu irmão era apenas um sussurro) gagueja... Sim, gagueja. Jura-me que nunca o dirás a ninguém!»

A luz das tochas iluminava escassamente a soturna cave e as sombras projectavam-se, agigantadas, nas húmidas paredes. Um pobre diabo, todo nu e submisso, exibia a pele muito branca e com um olhar aterrorizado seguia atentamente os gestos dos carrascos, que o amarravam de pés e mãos à «roda da morte». Quando tudo estava a postos, os carrascos desviaram-se para dar passagem a um inquisidor de mirada terrível e voz cava. «Pela última vez — perguntou. — Crês em Deus ou não crês em Deus?» O prisioneiro manteve um silêncio obstinado, até que a um sinal do inquisidor aos carrascos desatou numa gritaria enorme. Solícito, o inquisidor curvou-se para o rosto do torturado: «Que respondes?» O infeliz, arquejando, conseguiu balbuciar: «Algumas vezes sim, outras não... depende.» «Depende de quê?» — indagou com voz terrível o inquisidor. «Não sei bem... É difícil explicar. Há momentos em que me sinto feliz, extasiado, transportado aos céus, sem saber porquê, sem motivos que justifiquem essa felicidade e então creio em Deus. Mas doutras vezes, também sem saber porquê, deprimido, cansado, farto, em geral quando acordo de manhã com mau gosto na boca...»

Aquelas explicações, ou antes elucidações, não pareceram satisfazer grandemente o inquisidor porque, endireitando-se, e sem deixar de fitar severamente o acusado, exclamou, fazendo um gesto imperativo com a mão direita: «Continuem!»

O telefone tocou no meu escritório. Era a Ana. Causou-me certa estranheza porque nunca me tinha pedido directamente nada. Era o marido quem tratava sempre comigo. Havia entre nós uma amizade íntima, fraterna, datando muitos anos antes do casamento dele e que nem este cortou ou esmoreceu. Ana estava nervosa, excitada... e não fui capaz de detê-la a tempo. Sentia necessidade de desabafar com alguém. Foi isso mesmo que supus quando lhe ouvi as primeiras palavras. De repente, a confissão, de improviso, tornou-se mais íntima, mais pessoal, mais alusiva, mais directa... Teria enlouquecido? Com quatro filhos às costas e vinha propor-me que fugíssemos... «Ana! Não é possível! Vê se comprehendes...» Mas Ana não quis compreender nada e desligou. Naquela mesma tarde falei com o marido, contei-lhe tudo mas não pareceu ficar surpreendido. «Ouve lá — disse-me — porque não aceitas?» Foi tão grande o meu assombro que não pude responder-lhe nada. «Pois, pois...» O tipo insistiu: «Ouve com calma. Não dramatizemos. Ela está a precisar de uma aventura, uma fuga... Está farta de mim, do lar, dos filhos... Tem os nervos arrasados. Tu és o meu melhor amigo, tenho confiança em ti... Se não fosse assim não me

atrevia a dizer-te que, está visto, todas as despesas com a vossa viagem... — e onde é que vocês iam, sem isso? — quem paga sou eu... Que é que achas?» «Não sei — balbuciei. — Tenho que falar primeiro com a minha mulher...»

UM ACIDENTE

O cadáver do menino estava no passeio, caridosamente resguardado de olhares indiscretos por uma manta. Alguns polícias mantinham a distância os curiosos, enquanto não chegavam os peritos. Perto, muito perto, uma mulher chorava desabaladamente, gemia, gritava, soluçava... «É o meu filho, é o meu filho», repetia incessantemente. O condutor do camião, lívido, transtornado de todo, explicava ao polícia de trânsito o que tinha sucedido. Chegou um fotógrafo da imprensa e começou a trabalhar. O chofer não reparou no **flash** e continuava com intermináveis explicações. A mãe soluçava, escondendo o rosto nas mãos. As pessoas que no maior carinho tentavam consolá-la, increparam furiosamente com gestos mudos o fotógrafo para que se afastasse e não molestasse a pobre mulher. Mas ela, tendo então reparado no que se passava e vendo o homem ir-se embora, teve ainda tempo de lhe perguntar, entre soluços, entrecortadamente, aos berros: «Pra que jornal é que você trabalha?»

Recebi uma carta dos Estados Unidos da América. Amanhã o carteiro vai olhar-me com mais consideração. Depois do jantar, vamos abri-la. Maria levanta a toalha da mesa. «Dobrem os guardanapos», dirá como de costume. Eu dobro em quatro, porque o meu filho mais velho dobra em triângulo e a irmã faz um nó. E no silêncio da noite, apenas se ouve abrir o sobrescrito. «Queridos pais e irmãos...» Começo a ler em voz alta, pausada, um tanto monótona... Vive bem. Lá todos vivem bem. Tem automóvel, frigorífico, diz «quero» e sem tardança lhe levam a casa o que pretende. Depois, tem dez anos, vinte anos, uma vida inteira, se for preciso, para pagar. Acabei a leitura. Silêncio. A minha mulher começa a chorar. Procuo não pensar em nada. Mas é-me impossível não pensar em nada. Coisa ridícula, mas vejo umas cataratas, as do Niagara, conheço-as porque as vi num filme. Meu filho vive a dois mil quilómetros das cataratas do Niagara, mas vejo-o passear calmamente sob o turbilhão de água, com um guarda-chuva... Agora a minha mulher vai perguntar-me: «Em que estás a pensar?» Pergunta mil vezes repetida em cada dia. «Pensava nas cataratas...» Não, não é possível. Se for preciso, inventarei uma história maravilhosa. Na última

vez, disse-me: cala-te! Porque sem reflectir, à pergunta do costume, respondi: «Penso como será difícil transportar um caixão da América para cá...» Chorou mais e censurou-me as minhas ideias tolas. Mas ainda mantenho a mesma dúvida: os caixões seriam içados para bordo dos barcos por meio de guindastes como os automóveis? É que há-de ser coisa muito esquisita ver um caixão pairando no ar...

De repente, reparei que a minha vida se perdeu, a perdi para sempre. E agora já é tarde para recomeçar tudo de novo. Na verdade, será tarde? Os meus olhos inquietos percorrem a sala onde trabalho. Cada objecto, cada móvel é uma testemunha muda das minhas canseiras. Vou fugir para longe! Longe daqui, longe de todos...! Podemos acreditar em Deus? Quando estou na igreja, assaltam-me dúvidas. As pessoas que me cercam cantam em coro, algumas rezam o rosário. É o momento da Consagração e faz-se um profundo silêncio, interrompido apenas por um **pá!** de uma criança, que fica maravilhada com o eco estrepitoso provocado pelo grito no amplo recinto do templo. E se tudo isto não passasse de uma maquinação, um embusteiro enredo? Olho com suspeita as pessoas que me cercam...

A minha vontade era violar todas as mulheres do mundo. Uma por uma. Brancas, negras, amarelas, esquimós... Mas receio morrer antes. Até esta data, e em cinquenta anos de existência, apenas anotei um nome na minha agenda: o da minha mulher. Diz-se num impulso repentino: vou morrer. E as funestas consequências que isso acarreta? E as tristezas que provoca? A morte, que responsabilidade! A minha mulher e eu, quando estamos na cama, nem sequer nos roçamos um pelo outro. Os nossos corpos permanecem separados, como as nossas mentes, as nossas ideias, as nossas ilusões... Eu julgava que a morte vinha de repente. Mas agora sei que não, que não é assim que acontece, que anuncia a sua chegada, se faz esperar, nos espia, nos vigia, nos murmura ao ouvido «já está!», gozando em apoquentar-nos, em assustar-nos... «Apalpe o corpo. Apalpe. Apalpe. Onde está esse tal cancro que tanto medo lhe mete? Onde...?» E a angústia obriga-me a chorar na escuridão do quarto. «Que é que tens?», pergunta a mulher, ensonada. «Não tenho nada.» O meu desejo era dizer-lhe: «É um cancro, sabes?» No dia seguinte, levanto-me a assobiar uma cançoneta em voga e saio para a rua. Até era capaz de pregar uma beijoca no porteiro.

NOVAS DIRECÇÕES

- 1 — BAAL BABILÓNIA/ARRABAL
- 2 — OS PASSOS EM VOLTA/HERBERTO HELDER
- 3 — Z/VASSILIS VASSILIKOS
- 4 — TODOS OS FOGOS O FOGO/CORTÁZAR
- 5 — IDADE DE HOMEM/MICHEL LEIRIS
- 6 — EXERCÍCIOS DE ESTILO/LUIZ PACHECO
- 7 — LITERATURA COMESTIVEL/LUIZ PACHECO
- 8 — PESADELO CLIMATIZADO/HENRY MILLER
- 9 — O AMOR LOUCO/ANDRÉ BRETON
- 10 — MEMÓRIA/ALVARO GUERRA
- 11 — SETEMBRO DE 1971/ALONSO FÉRIA
- 12 — NADJA/ANDRÉ BRETON
- 13 — ANTOLOGIA DOS MODERNOS
FICCIONISTAS CUBANOS
- 14 — CONTOS DO GIN-TONIC/MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA
- 15 — O OLHO COSMOLÓGICO/HENRY MILLER
- 16 — RELÓGIO DE CUCO/VIRGÍLIO MARTINHO
- 17 — HISTÓRIAS DE CRONÓPIOS E DE FAMAS/CORTÁZAR
- 18 — O CAPITÃO NEMO E EU/ÁLVARO GUERRA
- 19 — O BAILE DO CONDE DE ORGEL/RAYMOND RADIGUET
- 20 — FEITIÇARIA/MIKHAÏL BOULGAKOV
- 21 — NOVOS CONTOS DO GIN/MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA
- 22 — O COPO DOS DADOS/MAX JACOB
- 23 — PACHECO VERSUS CESARINY/LUIZ PACHECO
- 24 — A MULHER SENTADA/GUILLAUME APOLLINAIRE
- 25 — A PAIXÃO/ALMEIDA FARIA
- 26 — O QUE VAI MORRER/NELSON DE MATOS
- 27 — O ALEPH/JORGE LUÍS BORGES
- 28 — HISTÓRIAS PARA BURGUESES/ALONSO IBARROLA

Se deseja receber, gratuita e periodicamente informações bibliográficas sobre a actividade da Editorial Estampa queira enviar-nos, num simples postal, o seu nome e morada.

Os livros requisitados à Editorial Estampa serão prontamente enviados contra reembolso, pelo preço de capa. As despesas de expedição e cobrança serão suportadas por nós.

EDITORIAL ESTAMPA

R. da Escola do Exército, 9 r/c.-D.
Tel. 555663 Lisboa-1 — Portugal

Título: Histórias para Burgueses

Autor: Alonso Ibarrola

Editor: Editorial Estampa, Lda.

Oficinas: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Tiragem: 3200 ex.

Acabou de se imprimir: Em 29 de Janeiro de 1976

**novas
direcções**

